

## INFERÊNCIA LEXICAL E LEITURA EM L2

### LEXICAL INFERENCE AND READING IN L2

Camila da Rosa da Costa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como base a monografia de conclusão da especialização em Linguística Aplicada, intitulada “Cognatos, vocábulos de baixa e de alta frequência em espanhol como L2: como os aprendizes inferem seus significados?”, que apresentou os resultados da análise dos processos de inferência lexical de oito estudantes de espanhol como língua estrangeira matriculados em um curso de preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, com idades entre 18 e 25 anos. Utilizou-se na pesquisa dois textos retirados de exames vestibulares da UNAMA (2012) e da UCPel (2006), nos quais selecionou-se os cognatos, falsos-cognatos e palavras neutras. Valendo-se da técnica de protocolos verbais, buscou-se verificar quais estratégias são mais e menos utilizadas pelos aprendizes, como também a existência – ou não – de uma relação entre as estratégias e a natureza das palavras, de acordo com a seleção já mencionada. Com base na análise dos dados, foi possível constatar que as estratégias mais empregadas foram o uso do contexto, da analogia com a L1 e da releitura, independentemente da natureza das palavras. Além disso, verificou-se que o uso dessas estratégias nem sempre garantiu o êxito na inferência do significado das palavras, ainda que, muitas vezes, tenha trazido resultados positivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura em L2. Inferência lexical. Aprendizagem de vocabulário em L2.

**ABSTRACT:** *This article has with bases the monograph of conclusion of the specialization in Applied Linguistics, entitled “Cognates vocabulary low and high frequency in Spanish like L2: how does the apprentices infer in their meaning?” that had shown the results of the analysis of lexical inference processes of eight students of Spanish as a foreign language enrolled in a preparation course to the National Exam of High School (Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM), aged between 18 at years old. In the research it was used two texts that were removed from the vestibular exam UNAMA (2012) and UCPEL (2006), in which were selected cognates, false-cognates and neutral word. Since the technique of verbal protocols, seeks to verify which strategies is more used by the students, as well as the existence – or not- in relation between the strategies and the nature of the words, according the selection already mentioned. Based on the data analysis, it was found that most strategies employed were the use of context, the analogy with the L1 and re-reading, regardless of the nature of words. Furthermore, it has been found that the use of these strategies not always assured the successful inference of the meaning of the words, although often have brought positive results.*

**KEYWORDS:** *Reading in L2. Lexical inference. Learning in vocabulary L2.*

---

## 1 INTRODUÇÃO

---

O processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira (L2) está diretamente relacionado à aquisição de seu vocabulário. Tanto na produção quanto na compreensão oral ou escrita, o conhecimento das palavras é uma condição necessária, ainda que não seja a única, para

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Letras Português e Espanhol e respectivas Literaturas (UFPel). Especialista em Linguística Aplicada (UFPel). E-mail: crc\_pel@hotmail.com

alcançar determinados objetivos em uma L2. No caso da compreensão leitora, foco deste trabalho, pesquisas voltadas à forma como os leitores de L2 alcançam o significado de palavras desconhecidas tornam-se de extrema relevância, como é o caso do estudo das inferências lexicais em L2. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho, que tem como base a monografia de conclusão da especialização em Linguística Aplicada, intitulada “Cognatos, vocábulos de baixa e de alta frequência em espanhol como L2: como os aprendizes inferem seus significados?”, é apresentar os resultados de um estudo sobre as estratégias de inferência lexical utilizadas por oito estudantes de espanhol como língua estrangeira durante a leitura de textos de vestibulares escritos em espanhol. Para tanto, foram estabelecidos dois objetivos específicos: (a) identificar estratégias de inferência lexical utilizadas com mais e menos frequência pelos aprendizes de espanhol como LE; (b) verificar se existe uma relação entre as estratégias utilizadas e a natureza das palavras – ou seja, cognatos e falsos cognatos.

O artigo é composto por seis seções. Nas primeiras três, intituladas, respectivamente, Ensino-aprendizagem do Léxico em L2, Fatores Envolvidos na Aprendizagem do Léxico e Inferência Lexical na Língua Materna e na Língua Estrangeira são apresentados os pressupostos teóricos nos quais o estudo foi baseado. Na quarta, a metodologia é descrita. Na quinta, os dados obtidos por meio das aplicações das atividades de vocabulário, com o respaldo da técnica de protocolos verbais, são primeiramente apresentados, e, na sequência, analisados e discutidos. Na sexta e última seção são tecidas as considerações finais relativas aos dados encontrados.

---

## 2 ENSINO-APRENDIZAGEM DO LÉXICO EM L2

---

Nesta seção, apresentaremos um breve histórico do tratamento dispensado ao léxico em diferentes teorias de ensino e aprendizagem de língua estrangeira e as formas como os aprendizes sabem ou aprendem as palavras, de acordo com Orsi (2009) e Leiriano (2001). Antes disso, no entanto, buscaremos esclarecer o significado do termo *léxico* para a Lexicologia, visto que permeará todo o trabalho.

Uma das definições mais correntes para o *léxico* é a de Biderman (*apud* ORSI, 2009, p. 182), segundo a qual o *léxico* é concebido como um acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico e cultural, no qual se encontra toda a informação sobre o mundo condensada em leixas, a nomenclatura e a interpretação da realidade.

Para o autor, o léxico é, ainda, um sistema aberto, suscetível a mudanças socioculturais, por meio das quais novos itens lexicais podem ser adicionados cotidianamente, esquecidos, marginalizados e ressurgidos, ou seja, quando voltam à circulação.

Conscientes de sua definição e função passamos a sintetizar o modo como o léxico tem sido abordado pelas seguintes teorias de ensino de LE: Método Gramática e Tradução (GT), o Método Direto, o Método Áudio-lingual (AL), a Abordagem Comunicativa, a Abordagem Lexical e, por fim, a Linguística de corpus (ORSI, 2009).

Já por volta de 1840, o método Gramática - Tradução (GT) era utilizado na Europa com objetivo de desenvolver as habilidades de escrita e leitura de textos clássicos. Segundo Gattolin (*apud* ORSI, 2009, p. 186), apresentava-se ao aluno uma análise pormenorizada das regras gramaticais referentes à língua alvo, visando à aplicação desse conhecimento na tradução de textos literários. O léxico era apresentado em listas de palavras, com as traduções, a serem decoradas pelo aluno, tendo um papel secundário, pois “enquanto o aluno não aprendesse a maior parte do sistema gramatical, a aprendizagem do vocabulário seria limitada” (ORSI, 2009, p. 187).

O referido método sofreu muitas críticas por negligenciar o ensino da língua oral, evidenciar a análise da língua e não o seu uso e ter um material de ensino de caráter abstrato da linguagem.

Das lacunas percebidas no método de GT tomou forma, no final do século XIX, o Método Direto, que se fundamentava no princípio de que a aquisição da língua estrangeira se dava da mesma maneira que na língua materna, por associações entre objetos e palavras, indicando, portanto, um

modo mais natural de se aprender uma língua.

Esse método enfatizou somente a língua alvo, não havendo, assim, a interferência da língua materna, e o vocabulário ensinado era o do cotidiano, com explicações auxiliadas por figuras, mímicas, gravuras e desenhos. Mesmo tendo alcançado certa popularidade, o método sofreu críticas quanto à falta de base teórica e metodológica.

O método posterior, áudio-lingual (AL), surgiu com a necessidade dos soldados americanos serem oralmente fluentes durante a II Guerra, o que levou os estruturalistas a desenvolverem um programa de treinamento das habilidades de compreensão e produção oral. O método era apoiado no *behaviorismo* e no estruturalismo, tendo atividades voltadas para formar e reforçar os “bons hábitos” linguísticos. No seu caráter behaviorista, destacavam-se exercícios mecânicos de repetição, e, no estruturalista, havia um enfoque na estrutura. Assim, o estudo do léxico era praticamente desconsiderado. O objetivo principal do método era a aquisição de estruturas linguísticas, e a gramática era o ponto de partida para o ensino (PAIVA, 2004).

Em 1970, com o início do desenvolvimento da Abordagem Comunicativa para o ensino de LE, começou-se a repensar o ensino focalizando o aspecto funcional e comunicativo da linguagem (ORSI, 2009). Por essa abordagem, acreditava-se no uso de linguagem autêntica, na língua alvo como um meio de comunicação e não mais como um objeto de estudo (ORSI, 2009). Além disso, os teóricos começaram a repensar o papel do vocabulário no ensino de línguas, pois, segundo Wilkins, “aprender vocabulário é aprender como as palavras se relacionam com a realidade externa e como elas se relacionam umas com as outras”. (*apud* PAIVA, 2004, s./p.).

Apoiado em princípios da Abordagem Comunicativa, Lewis (*apud* PAIVA, 2004) recusou a visão tradicional de que a língua é dividida em estrutura e vocabulário e propôs uma abordagem na qual a gramática é subordinada ao léxico, a Abordagem Lexical (*Lexical Approach*). Essa abordagem entende que a aprendizagem se dá pela interação afetiva que é propiciada por fatores cognitivos, psicológicos e experimentais.

Nesse sentido, Scaramucci (2008) entende que, com a Abordagem Lexical e o desenvolvimento da abordagem comunicativa, o ensino passou a ser mais centrado no aprendiz que aprecia o vocabulário como recurso estratégico para alcançar objetivos comunicativos. Sendo assim, de acordo com Rodrigues (*apud* ORSI, 2009, p. 192), como o sistema da língua alvo seria aprendido em atividades grupais, a negociação do significado seria fundamental para as tentativas de comunicação, não haveria listas de palavras para decorar e os alunos deveriam utilizar e reutilizar o vocabulário aprendido.

Na década de 1980, surgiram, na Europa e nos Estados Unidos, as pesquisas em Linguística de *Corpus*, que coletavam e exploravam dados de textos em uma ou várias línguas, extraídos por meio de computador (BERBER SARDINHA 2004). De acordo com a Linguística de *Corpus*, a língua é descrita pela observação empírica da realidade de *corpora*, em que léxico e gramática são postos em um único sistema linguístico e sua abordagem deve se dar de maneira conjunta com a comunicação e nos ensinamentos de sala de aula, segundo Maciel (2005 *apud* ORSI, 2009 p. 193). Nesse sentido, a Linguística de *Corpus* inovou ao possibilitar que professor e aprendiz pudessem perceber a relação entre léxico, sintaxe e semântica, tornando-os mais autônomos para fazer suas próprias descobertas e escolhas a partir do significado pretendido.

Pelo apresentado até aqui, percebe-se que a maioria das teorias de ensino-aprendizagem de LE avaliadas até o momento não enfatizaram o papel do léxico no ensino de L2. Por acreditarmos que a ensino do léxico é fundamental no processo de aquisição de língua estrangeira, escolhemos a seguinte declaração de Leffa para encerrar esta seção:

Se alguém, ao estudar uma língua estrangeira, fosse obrigado a optar entre o léxico e a sintaxe, certamente escolheria o léxico: compreenderia mais um texto identificando seu vocabulário do que conhecendo sua sintaxe. Da mesma maneira, se alguém tiver de escolher entre um dicionário e uma gramática para ler um texto numa língua estrangeira, certamente escolherá o dicionário. Língua não é só léxico, mas o léxico é o elemento que melhor a caracteriza e a distingue das outras

(LEFFA, 2000, p. 17).

---

### 3 FATORES ENVOLVIDOS NA APRENDIZAGEM DO LÉXICO

---

Alguns investigadores, segundo Leiria (2001), abordam a aquisição do léxico observando cada palavra como a representação de um conjunto de diferentes tipos de informação, que são regulados por diversos processos psicolinguísticos. Assim, passou-se a levar em consideração que o conhecimento de uma palavra pode ser parcial, que a informação conhecida pelo falante, de L1 ou de L2, pode abranger apenas uma parte do que a palavra representa e que as palavras que conhecemos fazem parte do nosso léxico mental.

Léxico mental, segundo Bernardo (2010), é um conceito advindo da neurobiologia e das ciências da cognição em geral, e designa

aquela parte da memória semântica (onde se armazenam os conceitos) que processa, de forma interativa e paralela, a informação fornecida por cada palavra (ao nível gráfico, fonológico, morfológico, sintático e semântico), durante a recepção e a produção linguística, articulando conceito e significado da palavra aos diferentes níveis, consoante a natureza cognitiva da tarefa que está a realizar num determinado momento. (BERNARDO, 2010, p. 29)

Embora a definição descrita anteriormente auxilie no entendimento do que seja o léxico mental, é preciso ter uma visão que vá além do processamento da língua, na qual o léxico está relacionado às estruturas conceituais (conhecimento de mundo) e às linguísticas (conhecimento da língua), que representa uma organização elaborada e ao mesmo tempo flexível, que tem caráter vago e individual e está sujeito a oscilações, visto que varia de acordo com cada indivíduo.

A aquisição do léxico passa por processos de diferentes naturezas e engloba aspectos cognitivos, sensoriais e culturais. Assim, segundo Baralo Otonello (2005, p.1):

O conhecimento de um item lexical é um processo complexo e gradual no qual se aprende não só a forma e o significado, mas também uma intrincada rede de relações formais e semânticas entre esse item e outras palavras e morfemas que constituem subsistemas de diferentes níveis. O conhecimento de uma palavra é uma representação mental de grande complexidade, que integra diferentes aspectos e componentes cognitivos, alguns mais automáticos e inconscientes e outros mais conscientes, reflexivos e empíricos. (tradução da autora).

De fato, aprender uma palavra é muito mais do que aprender o seu significado, pois há diversos léxicos para diferentes canais de *input* e *output*. De acordo com Laufer (1997), para saber uma palavra é necessário saber sua forma oral e escrita, sua estrutura base, as derivações mais comuns e a sua flexão, suas propriedades sintáticas e o seu comportamento numa frase ou num enunciado, suas propriedades semânticas, suas relações paradigmáticas com outras, nomeadamente com eventuais sinônimos, antônimos e hipônimos, suas relações sintagmáticas, ou seja, as suas mais frequentes combinatórias.

A aprendizagem é determinada por alguns fatores interlexicais, como distância entre L1 e L2, dimensão e o grau de organização do léxico da L2 e a frequência de ocorrência de uma palavra. Ainda existem os fatores intralexicais, revistos por Laufer (op. cit.), tais como: a forma falada e escrita, a dimensão, a estrutura morfológica, a classe gramatical e as propriedades semânticas.

Os fatores vistos até aqui mostram a complexidade da aprendizagem de uma palavra, do seu significado e dos seus usos. Para aprender um vocábulo tanto em língua materna quanto em língua estrangeira, muitas vezes nos utilizamos do processo de inferência lexical, sobre o qual trataremos na seção que segue.

#### 4 INFERÊNCIA LEXICAL NA LÍNGUA MATERNA E NA LÍNGUA ESTRANGEIRA

A inferência lexical é o processo por meio do qual se faz adivinhações do significado de uma palavra com o auxílio de pistas linguísticas relevantes que se apresentam em um determinado contexto, combinadas com o conhecimento de mundo do aprendiz, de acordo com Haastруп (apud SOUZA, 2011, p. 62).

O autor descreve a inferência como um processo de negociação dinâmica de significados, o qual ocorre por meio da interação do leitor com o texto, que é seu interlocutor. Essa visão tem como base dois princípios: a) as palavras não transmitem significados, elas significam coisas diferentes para cada leitor, de acordo com sua experiência, e seu sentido é construído na interpretação; b) a compreensão se dá por meio de um processo de negociação, ajuste e reajuste. Dessa forma, o processo de inferência não resulta em aprendizado, mas o potencializa, por formar a base e constituir a formação de hipóteses.

É importante não confundir o processo de inferência com o de aquisição lexical, pois, de acordo com Rieder (2002 apud SOUZA, 2011, p. 65), a inferência consiste na construção do conhecimento conceitual de uma palavra, enquanto a aquisição consiste no armazenamento da forma de uma palavra e combinação do conceito com a forma. Além disso, a principal diferença entre os dois processos, segundo Souza (2011), está no tempo de duração e na complexidade: enquanto a inferência é imediata e localizada no texto; a aquisição resulta de um acúmulo da experiência do leitor com a palavra. No processo de aprendizagem de uma palavra, a aquisição envolve as diversas inferências que vão ocorrendo ao longo dos encontros e a inclusão da palavra em uma rede léxico-semântica já existente, na qual ocorrerá a abstração de traços semânticos característicos que diferenciem essa palavra das demais e ao mesmo tempo a relacionem com a rede.

Ainda que distintos, inferência e aquisição lexical são processos relacionados. O modelo cognitivo de aquisição de vocabulário proposto por Rieder (*op. cit.*), por exemplo, apresenta a inferência e a aquisição lexical como processos integrados ao processo de leitura. De acordo com esse modelo, a leitura é um processo que envolve desambiguação, seleção e alargamento dos significados das palavras, tanto conhecidas como desconhecidas. As estratégias utilizadas dependerão do grau de relevância atribuído pelos leitores, devido a uma lacuna no modelo mental deixada pelas palavras.

A aquisição ocorre, assim, quando há atenção para a forma da palavra. Rieder afirma que o principal fator que determina o grau de aquisição é a disponibilidade de recursos do texto, do leitor e da situação.

Quanto à inferência lexical em língua estrangeira, especificamente, estudos têm mostrado que estratégias inferenciais podem ser selecionadas de acordo com o nível de relação entre as línguas envolvidas. De acordo com Alves (2009, p. 5), quando duas línguas se relacionam de alguma forma, compartilham cognatos, a tendência é que haja traduções equivalentes, o que, certamente, pode contribuir para um maior número de inferências lexicais bem-sucedidas.

Uma pesquisa feita por Richman (1965), que comparou listagens de palavras de uso mais frequente nas línguas portuguesa e espanhola, mostrou que é significativamente maior a proximidade entre português e espanhol do que entre essas duas línguas e as outras românicas mais próximas do português, o italiano e o francês. Essa semelhança facilita o processo de aquisição/aprendizagem e a compreensão oral e/ou escrita, mas, por outro lado, a compreensão da parte essencial de um texto que possui muitos falsos cognatos pode ficar comprometida. Ainda assim, a proximidade entre as línguas auxilia no processo de inferência lexical.

Segundo Nassaji (apud ALVES, 2009, p. 6), a inferência lexical tem um papel importante na descoberta do significado de uma palavra em L2, ainda que sua ligação com a aquisição de vocabulário não esteja ainda bem definida.

O autor ressalta que existem alguns fatores que influenciam no campo da inferência lexical, como a natureza da palavra, o texto no qual a palavra está contida, o tipo de informação disponível no texto, o grau de esforço cognitivo e mental envolvido na inferência, além do grau

de informação que circunda o texto. Esses fatores contribuem para que o leitor tente descobrir o significado de uma palavra com base em informações das quais ele já dispõe, no uso do contexto e na combinação do seu conhecimento de mundo com a percepção global do texto e o conhecimento linguístico relevante.

Com relação às estratégias envolvidas para o êxito nas inferências lexicais dos aprendizes de L2, Nassaji (2003) investigou se 21 estudantes de nível intermediário de inglês como L2 seriam bem-sucedidos nas tentativas de inferência lexical pelo contexto, partindo da leitura de um texto. O autor fez a classificação e a relação entre as estratégias e fontes de conhecimento empregadas no processo inferencial e verificou, a partir de protocolos verbais dos participantes, sua eficácia.

É importante ressaltar que Nassaji (2003, p. 655), ao buscar os recursos utilizados pelos aprendizes para o aprendizado de novas palavras, subdivide-os em duas categorias: a primeira, as estratégias, definidas como atividades cognitivas ou metacognitivas conscientes que o leitor emprega para resolver um problema; e a segunda, as fontes de conhecimento, em que há o conhecimento gramatical, morfológico e fonológico, bem como o conhecimento de mundo.

A análise dos dados dos participantes da pesquisa de Nassaji (2003) mostrou que, de 199 respostas, os aprendizes foram malsucedidos em 55,8% delas, bem-sucedidos em 25,6% dos casos e parcialmente bem-sucedidos nos 18,6% restantes. A análise de cada palavra revelou que o sucesso inferencial estava relacionado com a forma física da palavra, pois muitos dos que interpretaram erroneamente confundiram determinadas palavras com outras semelhantes na aparência, mas não no significado. Dos cinco tipos de fontes de conhecimento identificados pelo autor – gramatical, morfológico, discursivo, de mundo e da L1 – o mais frequente foi o de mundo (46,2%), seguido pelo morfológico (26,9%). Das estratégias previstas – repetição, verificação, monitoramento, autoquestionamento e analogia – a mais empregada foi a de repetição (63,7%), tanto da palavra como de trecho do texto. Quanto à relação fonte de conhecimento- estratégia- sucesso inferencial, o autor verificou que o conhecimento morfológico foi mais importante para o sucesso inferencial, da mesma forma que as estratégias de verificação, autoquestionamento e repetição de trecho do texto. Ele ressalta, contudo, que a contribuição global das estratégias, ainda que relacionada às inferências bem-sucedidas, se deu de modo parcial e limitado.

---

## 5 METODOLOGIA

---

### 5.1 SUJEITOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

---

Os participantes do estudo foram oito alunos de um curso pré-vestibular da região sul do Rio Grande do Sul, com idades entre 18 e 25 anos e conhecimento básico de espanhol do ensino fundamental e médio.

Para o trabalho, que teve cunho qualitativo, foram selecionados dois textos em língua espanhola, com questões relativas a palavras a serem inferidas pelos sujeitos, por meio da técnica de protocolos verbais.

Desses textos, foram selecionadas dezoito palavras. O critério para a escolha foi o nível de semelhança com a L1 dos participantes - ou seja, língua portuguesa. Assim, foram selecionados falsos cognatos, cognatos e palavras neutras<sup>2</sup>.

As estratégias analisadas na pesquisa tiveram como base a classificação proposta pelo estudo de Nassaji (2003), descrito na seção 2.2 do capítulo precedente, mas com adaptações a fim de contemplar os dados encontrados. Entre as estratégias passíveis de serem empregadas pelos participantes na pesquisa, foram previstas as apresentadas na Tabela 1 a seguir.

---

2 A expressão "palavras neutras" foi utilizada para nomear os vocábulos que não são cognatos, nem falsos cognatos na língua espanhola.



**Tabela 1:** Definição das estratégias

<i>Estratégias</i>	<i>Definição</i>
Releitura	Releitura da frase ou parágrafo no qual a palavra ocorre
Uso do contexto	Uso dos indícios textuais e frases próximas à palavra a ser inferida.
Analogia com L1	Inferência do significado da palavra por similaridade com a L1.
Repetição	Repetição da palavra a ser inferida de forma oral.
Analogia com forma	Inferência do significado da palavra pela similaridade da forma ou do som com outras palavras já conhecidas tanto da L1 como da L2.
Verificação	Verificação da aceitabilidade do significado inferido por checagem no contexto mais amplo e no contexto textual.

## 5.2 PROCEDIMENTOS

A coleta de dados ocorreu em sessões individuais, nas quais foi utilizada a técnica de protocolos verbais de pausa e retrospectivos. Esses protocolos se dão durante e após a tarefa, e consistem na verbalização do que está sendo pensado pelo sujeito no momento em que busca realizar o que é solicitado (protocolo de pausa) e após a realização (protocolo retrospectivo), o que possibilita ao pesquisador obter informações sobre os processos cognitivos por ele empregados (ERICSON e SIMON, 1993; AFFLEBACH, 2000; CAMPS, 2003). As verbalizações foram gravadas em áudio, e os dados transcritos.

A aplicação da pesquisa se deu com as seguintes etapas: (i) foram entregues aos sujeitos os textos que continham as palavras a ser inferidas para leitura individual; (ii) perguntou-se sobre o significado atribuído às palavras selecionadas e pediu-se que os sujeitos explicassem como chegaram ao significado e (iii) promoveu-se uma reflexão sobre os processos inferenciais do sujeito, com base nos objetivos propostos pelo pesquisador.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Com o objetivo de apresentar a análise e a discussão dos dados, este capítulo será dividido em duas seções, visando responder aos dois principais objetivos deste estudo, que são: (i) verificar as estratégias de inferência de uso mais e menos frequente; (ii) relacionar o uso de determinadas estratégias com a natureza das palavras.

### 6.1 ESTRATÉGIAS DE INFERÊNCIA LEXICAL DE USO MAIS E MENOS FREQUENTE

Com relação ao primeiro objetivo da pesquisa – ou seja, identificar estratégias de inferência lexical utilizadas com mais e menos frequência pelos aprendizes de espanhol como LE – a análise das informações disponibilizadas pelos oito sujeitos da pesquisa, mostrou o emprego de seis estratégias durante a tentativa de realização das inferências dos dezoito vocábulos selecionados: 1) releitura da frase ou parágrafo na qual a palavra ocorre; 2) uso do contexto; 3) tentativa de tradução ou analogia com palavra similar na L1; 4) tentativa de descobrir o significado pela analogia pelo som ou forma com outras palavras; 5) verificação contextual de um significado já inferido; 6) repetição da palavra a ser inferida.

Entre essas, as mais frequentes, em ambos os textos, foram: uso do contexto, analogia com a L1 e releitura das palavras, conforme pode ser observado na Tabela 2, na qual os dados relativos à frequência total de cada uma das três estratégias nos dois textos estão expostos.

**Tabela 2:** Frequência de estratégias de inferência lexical

Estratégias	Ocorrências Texto 1 + Texto 2	Frequência total em percentuais
Uso do contexto	102	42,5%
Analogia com a L1	67	27,9%
Releitura	52	21,6%
Analogia com a forma	9	3,7%
Verificação	6	2,5%
Repetição	4	1,6%

Como a Tabela 2 mostra, a estratégia de uso do contexto teve um total de 102 ocorrências nas tentativas de inferência lexical dos sujeitos, a segunda estratégia mais utilizada, analogia com a L1, teve 67 ocorrências, e a terceira, releitura, alcançou 52 ocorrências. Levando em consideração que o número total de ocorrências foi de 240, as três estratégias mais usadas corresponderam sozinhas a 42,5%, 27,9% e 21,6%, do total, respectivamente.

Ao comparar os resultados encontrados neste estudo com o de Nassaji (2003), descrito na seção de inferência lexical na língua materna e na língua estrangeira, tem-se como principal diferença o fato de o autor ter relatado um emprego significativo apenas da estratégia de releitura, enquanto neste estudo foram constatados usos significativos também das estratégias de uso de contexto e analogia com a L1.

Essa diferença pode ter se devido, ao menos parcialmente, ao fato de os estudos terem como corpus textos em línguas diferentes – o de Nassaji em inglês, e este em espanhol. A língua espanhola, por compartilhar um maior número de cognatos com a língua portuguesa, dada sua natureza românica, propicia maior utilização do contexto e da analogia com a L1 como estratégias de inferência do que a língua inglesa. Para exemplificar, seguem as transcrições do sujeito 01, ao buscar o significado dos vocábulos *clave* (chave).

#### Exemplo 1

E: E depois, a dois (linha), “clave”.

Suj. 01: Clave, (relê o texto em voz alta, traduzindo) tem um papel chave pra resposta das... das mães.

E: E por que que tu achas que é chave?

Suj. 01: Porque eu acho que é parecido com o português.

É importante salientar que, ainda que a utilização do contexto ou da analogia com a língua materna tenha sido significativa, essas estratégias nem sempre auxiliaram na descoberta do significado das palavras, como se pode observar nos exemplos abaixo, no qual o sujeito 5 tentou identificar o significado da palavra *jugar* (jogar) e o sujeito 3, da palavra *grabados* (gravuras):

#### Exemplo 2

E: Hã, depois a palavra “jugar”, na mesma linha.

Suj. 05: (Relê o trecho no texto (baixo), traduzindo). Eu acho que é mudar.

E: E por que tu acreditas que seja mudar?

Suj. 05: Eu acho que é pela associação aqui que fala a frase, eu acho que é,



eu acho que é assim ó: hã, é o primeiro achado de genes em ratos que podia mudar um papel chave, eu acho que é.

### *Exemplo 3*

E: Na linha 11, “grabados”.

Suj. 03: Hum... talvez músicas, CDs, não sei.

E: E por quê?

Suj. 03: Porque ali fala em várias coisas artísticas, então, eu imaginei que fosse nesse sentido.

Com relação às estratégias menos utilizadas, a análise dos dados mostrou que somente três tiveram menos do que dez ocorrências cada: a analogia com a forma, com 9; a verificação, com 6, e a repetição, com 4. De 240 ocorrências, as menos utilizadas corresponderam, respectivamente, a 3,7%, 2,5% e 1,6% do total.

Estes valores correspondentes às estratégias menos utilizadas mostram que elas podem não ser tão eficazes nas inferências de vocábulos desconhecidos, como é o caso da verificação e da repetição, conforme já esperado; pois na primeira é necessário que o aluno conheça a palavra ou se utilize de outra estratégia para identificar e depois verificar o que foi inferido e na segunda o aprendiz realiza uma mera repetição que pode ou não fazer com que se lembre de uma palavra, conforme os exemplos que seguem:

### *Exemplo 4*

E.: Bom, então, gostaria que tu me dissesse qual é o significado da palavra “ventas”, na linha 2.

Suj. 01: Eu acho que é vendas. Não pera aí, só um pouquinho, (lê o trecho no texto) é, é isso, é vendas. Acredito que é vendas.

E.: E por que que tu achas que é vendas?

Suj. 01: Porque pelo contexto e porque fica um pouco parecido com o português, não sei se é isso.

Conforme se pode observar no exemplo 6, a verificação foi utilizada como uma estratégia secundária, como uma forma de confirmação da palavra que uso do contexto e da analogia com a L1 já haviam auxiliado a identificar o significado. Analisemos o exemplo 5, agora sobre o uso da estratégia de repetição.

### *Exemplo 5*

E.: Então, continuando, gostaria de saber o sentido da palavra “hallazgo”, na linha 2.

Suj. 06: Tá, pelo contexto eu acredito que seja um avanço da medicina, pelo contexto, não comparei com o português.

E.: A palavra não parece em nada com o português?

Suj. 06: Não, hallazgo, haiazgo... não.

Como se pode observar no exemplo 5, a repetição da palavra não facilita em nada para que o sujeito infira apropriadamente o significado. É o uso do contexto, neste caso, que possibilita o processo inferencial que leva a um significado aproximado.

A pouca utilização da analogia com a forma surpreendeu por se tratar de línguas próximas. Contudo, esse resultado foi explicado, pelo menos parcialmente, pela pequena quantidade de palavras presentes no instrumento de coleta de dados que propiciavam a utilização desta estratégia: apenas duas, em um total de dezoito – mais especificamente, “escalofriante” e “infanticídio”, como podemos ver nas transcrições abaixo:

#### *Exemplo 6*

E.: Depois na 18 “escalofriante”.

Suj. 01: (relê no texto). Sim... é... como eu posso dizer... sim, sem fundamento

E.: Sem fundamento. E por que que tu acredita que seja sem fundamento?

Suj. 01: Sei lá, por causa que é meio assim... acho que é por causa do “friante”.

E.: Por causa da terminação da palavra?

Suj. 01: Isso, isso.

#### *Exemplo 7*

E.: Na linha 18, “escalofriante”.

Suj. 03: Tipo... fria, calafrios... cruel assim, alguma coisa do tipo.

E.: Uhum. E por quê?

Suj. 03: Porque... de acordo com o texto ali, tipo... é uma prática fria, uma prática cruel a rejeição, o abandono.

No exemplo 6, a analogia com a forma não auxiliou na inferência adequada da palavra *escalofriante*, porque o sujeito associou o fragmento da primeira palavra “friante” com algo sem fundamento, o que o levou a uma inferência equivocada. Já no exemplo 7, o sujeito teve êxito ao inferir a mesma palavra, pois, além de se utilizar da estratégia da analogia com a forma, também fez uso do contexto.

---

## 6.2 RELAÇÃO ENTRE ESTRATÉGIAS E NATUREZA DAS PALAVRAS

---

Nesta seção, buscamos responder ao segundo objetivo deste estudo, ou seja, verificar se existe uma relação entre as estratégias inferenciais utilizadas pelos participantes e a natureza das palavras – cognatos ou falsos cognatos.

Apresentaremos o resultado da análise entre a seleção de estratégia inferencial e nível de semelhança da palavra com a língua materna – seja de forma positiva, ao se tratar de um cognato, seja de forma negativa, ao se tratar de um falso cognato –, o qual está sintetizado nas Tabelas 3 e 4.

---

### 6.2.1 ESTRATÉGIAS INFERENCIAIS E SEMELHANÇA DAS PALAVRAS COM L1

---

Conforme foi mencionado no início desta seção, apresentamos os dados que nos permitem verificar se existe uma relação entre as estratégias empregadas e o nível de semelhança da palavra com a língua materna. Para tanto, apresentamos as tabelas 3 e 4, referentes ao uso de estratégias e palavras cognatas e falso-cognatas, respectivamente.

**Tabela 3:** Uso das estratégias e cognatos

Palavras Cognatas	Estratégias mais utilizadas	Estratégias menos Utilizadas
Duda	5 contexto 7 recuperação automática	1 analogia L1
Jugar	5 contexto 5 analogia L1	3 releitura 1 recuperação automática
Clave	8 contexto 4 analogia L1	1 releitura
Rechazo	8 contexto	2 releitura 2 analogia L1
Cotización	6 contexto 5 releitura 5 analogia L1	1 verificação
Arrebató	8 contexto 6 analogia L1	3 releitura
Total	32 contexto 7 recup. Automática 20 analogia L1 5 releitura	1 recuperação automática 3 analogia L1 9 releitura 1 verificação

**Tabela 4:** Uso de estratégias e Falsos-cognatos

Falsos-Cognatos	Estratégias mais utilizadas	Estratégias menos Utilizadas
Siglo	6 contexto 5 releitura	2 analogia L1 2 recup. automática 1 verificação
Expertos	4 contexto 6 analogia L1	3 releitura
Científicos	4 contexto 3 releitura 7 analogia L1	1 verificação
Investigador	5 contexto 8 analogia L1	1 releitura 1 verificação
Ventas	8 contexto 5 releitura 3 analogia L1	2 verificação
Grabados	5 contexto 4 releitura 6 analogia L1	1 repetição
Total	32 contexto 17 releitura 30 analogia L1	4 releitura 2 analogia L1 2 recup. automática 5 verificação 1 repetição

Como se pode perceber pelas tabelas, a análise das estratégias mais utilizadas pelos participantes da pesquisa para saber o significado de cognatos e falsos-cognatos mostrou uma semelhança com relação às estratégias empregadas. Tanto nos cognatos, como nos falsos-cognatos, o uso do contexto, da analogia com a L1 e da releitura foram as estratégias preferenciais. No caso dos cognatos, as ocorrências das estratégias foram 32, 20 e 5, respectivamente, enquanto nos falsos cognatos, as mesmas estratégias tiveram 32, 30 e 17 ocorrências, respectivamente.

Nesse sentido, é importante observar que, embora as estratégias empregadas tenham sido as mesmas, a frequência de uso da analogia com a L1 e da releitura na busca de significado para os falsos-cognatos é maior do que na busca dos cognatos. Entendemos que esse fato pode ser justificado, pelo menos parcialmente, pela proximidade entre as línguas envolvidas na pesquisa e, aliado a isso, pelo fato de os sujeitos terem consciência da existência de falsos-cognatos entre a língua espanhola e a língua portuguesa. Devido a isso, ficavam em dúvida se de fato o vocábulo era um cognato, e voltavam ao texto para confirmar o significado, valendo-se do contexto em que a palavra estava inserida como estratégia complementar.

Nesses casos os participantes recorriam primordialmente ao contexto como estratégia para inferir o significado, ainda que houvesse semelhança da palavra com a L1, conforme se pode observar nos exemplos 8 e 9, a seguir:

#### *Exemplo 8*

- E.: A palavra parece... uhum, também na linha 8, depois “arreató”.
- Suj. 08: (Relê o trecho no texto). Arreatou pra mim quer dizer ultrapassou.
- E.: Ultrapassou?
- Suj. 08: Isso.
- E.: E por quê?
- Suj. 08: (Relê o trecho no texto). Pelo contexto também.
- E.: Pelo contexto. E ela te lembra alguma palavra em português, tu conhece alguma parecida?
- Suj. 08: Me lembra a palavra arreatar.
- E.: Em português... e tem esse mesmo sentido de ultrapassar?
- Suj. 08: Não, não tem.
- E.: Não.
- Suj. 08: Mas... pelo contexto mesmo da frase, acredito eu que seja ultrapassar.

#### *Exemplo 9*

- E.: Depois na 17, “rechazo”.
- Suj. 06: Pois é, o rechazo esse, eu botei, coloquei como se fosse um descaso, pensei em descaso, por associar ao português né, mas eu acho que é como um desamor entendesse, à bebê, à criança, pelo contexto, assim.
- E.: Sim.
- Suj. 06: Não que rechazo parecesse descaso, mas pelo significado.
- E.: Claro, tipo não parece pela palavra com o português, mas pelo sentido ali.
- Suj. 06: Exatamente.

Nos exemplos 8 e 9, os sujeitos tiveram êxito ao inferir os cognatos com o auxílio apenas do contexto e não da analogia com a L1; por outro lado, houve casos em que os sujeitos, ainda que

tenham se utilizado tanto do contexto quanto da analogia com a L1, não foram bem-sucedidos na inferência lexical, conforme apresentado nos exemplos 10 e 11.

#### *Exemplo 10*

E.: Pelo contexto. Depois a palavra “cotización”, na linha 5.  
 Suj. 02: (*Relê o trecho do texto*). Não... não consegui saber o que é.  
 E.: Uhum, nem pelo texto, dando uma olhadinha?  
 (*Sujeito volta ao texto e relê a frase na qual a palavra está*).  
 Suj. 02: Não.

#### *Exemplo 11*

E.: Hã, depois a palavra “jugar”, na mesma linha.  
 Suj. 05: (*Relê o trecho no texto (baixo), traduzindo*). Eu acho que é mudar.  
 E.: E por que que tu acredita que seja mudar?  
 Suj. 05: Eu acho que é pela associação aqui que fala a frase, eu acho que é...  
 eu acho que é assim ó: hã, é o primeiro achado de genes em ratos que podia  
 mudar um papel chave, eu acho que é.

Como se pode perceber, a tentativa feita pelo sujeito 02 para utilizar o contexto não foi frutífera: embora ele tenha relido o texto em duas ocasiões, buscando possíveis indícios que o levassem ao significado da palavra, a estratégia não foi eficaz. Cabe perceber ainda que não houve tentativa de analogia com a L1, embora “cotización” seja muito parecida com a palavra “cotação”.

Já no exemplo 11 há um resultado negativo da estratégia: ao se valer do contexto que envolve a palavra, o sujeito faz uma interpretação equivocada do contexto, o que tem como resultado o comprometimento do significado do enunciado.

---

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Este trabalho teve como proposta investigar as estratégias de inferência lexical utilizadas por oito estudantes de curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio, que estudaram a língua espanhola no ensino fundamental e médio e a escolheram como língua estrangeira no ENEM. Os principais objetivos eram: identificar estratégias de inferência lexical utilizadas com mais e menos frequência pelos aprendizes, como também verificar a existência de uma relação entre as estratégias utilizadas e a natureza das palavras, ou seja, cognatos e falsos cognatos.

Com base nos dados encontrados por meio de testes de leitura e entrevistas realizadas pela técnica de protocolos verbais, verificou-se que as estratégias de uso do contexto, analogia com a L1 e releitura foram as mais empregadas, independentemente da natureza das palavras. Dito de outra forma, não houve diferença entre uso da estratégia lexical e o nível de cognaticidade.

Outro aspecto verificado foi o de que a utilização das estratégias mais frequentes não garantiu sempre o êxito dos sujeitos na inferência dos significados das palavras – ainda que, quando se tratava de um cognato com a língua portuguesa, o resultado do processo inferencial tenha sido, na maioria das vezes, positivo, e os sujeitos conseguiram alcançar o significado apropriado, por se tratar de línguas próximas – ou seja, o português e o espanhol. Esse resultado vai ao encontro da constatação de Richman (1965), conforme revisão teórica, de que a semelhança entre as línguas facilita o processo de aquisição/aprendizagem e a compreensão oral e/ou escrita.

Embora as conclusões expostas até aqui devam ser relativizadas, devido à natureza qualitativa deste estudo, espera-se que contribuam para as discussões acerca de como os aprendizes

inferem os significados de palavras desconhecidas, visto que, como já foi previamente enfatizado, a aquisição do léxico é um processo complexo que se configura como uma das etapas fundamentais para a aquisição de uma língua estrangeira.

## REFERÊNCIAS

AFFLERBACH, P. Verbal reports and protocol analysis. In: PEARSON, David P.; KAMIL, Michael L.; MOSENTHAL, P. B.; BARR, R.(org.). **Handbook of Reading Research III**. Londres: Routledge, 2000.

BARALO OTTONELLO, Marta. **El conocimiento gramatical codificado en el léxico y su tratamiento en manuales del español como segunda lengua**. In: *Anais do CONGRESO INTERNACIONAL DE ASELE*, 15., 2004, Sevilla, Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2005. p. 148-153.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

CAMPS, J. **Concurrent and retrospective verbal protocols as tools to better understand the role of attention in second language tasks**. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 13, n. 2, 2003.

BERNARDO, Ana Maria. O léxico mental no ensino e aprendizagem de vocabulário na L2 (Alemão). In **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto** - Vol. 5 – 2010, p. 27-40.

CREA, **Corpus de Referencia del Español**. “Actual.” Real Academia Española Disponível em: <http://corpus.rae.es/creanet.html> Acesso em 5 dez. 2013.

ERICSON, K. A.; SIMON, H. **Protocol Analysis: Verbal report as data**. MIT Press, Cambridge, MA, 1993.

GATTOLIN, S. R. B. **O vocabulário na sala de aula de língua estrangeira: contribuições para a elaboração de uma teoria de ensino-aprendizagem**. *Tese de Doutorado*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2005, 402f. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000397308>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

HAASTRUP, K. **Lexical inferencing procedures or talking about words**. Tübingen: Gunter Narr Verlag Tübingen, 1991.

LAUFER, B. What's in a word that makes it hard or easy? Intralexical factors affecting the difficulty of vocabulary acquisition. In: McCARTHY, M.; SCHMITT, N. (eds). **Vocabulary Description, Acquisition and Pedagogy**. Cambridge University Press. 1997, p. 140-155.

LEFFA, V. J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **As palavras e sua companhia; o léxico na aprendizagem**. Pelotas, 2000, v. 1, p. 15-44.

LEIRIA, I. Léxico, aquisição e ensino de L2. **Polifonia**, Lisboa, Edições Colibri, nº 4, 2001, p. 119-141.

LIMA, Christiane Alves de. **Ampliação lexical qualitativa em espanhol como língua estrangeira**. *Tese (doutorado) – Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011, 331f.*

NASSAJI, H. L2 **Vocabulary learning from context: strategies, knowledge sources and their relationship with success in L2 lexical inferencing**. *TESOL Quarterly*, 27, n. 04, 2003.

ORSI, V. O tratamento do léxico em alguns métodos e abordagens de ensino de língua estrangeira. In **Revista de Letras Norte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Edição 04 – Estudos Linguísticos 2009/02, p. 171-201.

PAIVA, V.L.M.O. Ensino de vocabulário. In: DUTRA, D.P.; MELLO, H. **A gramática e o vocabulário no ensino de inglês: novas perspectivas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2004. (Estudos Linguísticos; 7) Disponível em [www.veramenezes.com/vocabulario.htm](http://www.veramenezes.com/vocabulario.htm) Acesso em 05 nov 2013.



RICHMAN, S. H. **A comparative study of Spanish and Portuguese.** *Tese de Doutorado.* University of Pennsylvania, Departamento de Línguas Românicas, 1965.

SCARAMUCCI, M. V. R. **O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira: foco no produto e no processo.** Tese (Doutorado em Linguística) Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995, 345p. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000084499>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

SOUSA, L. B. **Aquisição lexical através da leitura.** *Dissertação de Mestrado – Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.* Santa Cruz do Sul, 2011.